

Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo

1º Curso por Correspondência às Equipes Vocacionais Paroquiais

OITAVO TEMA:

A TEOLOGIA E A ECLESIOLOGIA DA VOCAÇÃO

Introdução

No Brasil constata-se a ausência de uma teologia de vocação. É verdade que avançamos na produção de subsídios de pastoral vocacional (PV), mas faltam textos de teologia vocacional que possam nos ajudar no aprofundamento dessa temática. A falta de uma teologia vocacional que fundamente a práxis da PV não é um problema só do Brasil. Também em nível mundial a reflexão teológica sobre o tema da vocação ainda é muito tímida. Isto foi constatado há algum tempo atrás numa pesquisa realizada pela Santa Sé e publicada em 1992. Tal pesquisa, fruto de uma consulta às conferências episcopais e às conferências de religiosos, revela que "falta ainda um estudo sistemático" deste assunto. Constata que existe pouco interesse nas escolas teológicas e entre os teólogos em aprofundar este assunto (cf. *Desenvolvimento da Pastoral das Vocações nas Igrejas Particulares*, nº 39, Col. Doc. Pontifícios, Vozes, nº 244).

Esta ausência de uma teologia vocacional não deixa de ser negativa, enquanto a práxis permanece sem uma fundamentação teológica. A falta dessa fundamentação teológica leva, por sua vez, geralmente, à improvisação: a PV deixa de ser uma constante, algo permanente, para tornar-se um "apêndice", atividade esporádica realizada de vez em quando por algumas pessoas (cf. DPVIP, 37). Torna-se, pois, "necessário aumentar o esforço em vista de uma conveniente fundamentação bíblica e teológica das vocações, para evitar o perigo de uma visão puramente funcional da pastoral das vocações" (DPVIP, 31).

I. TEOLOGIA DA VOCAÇÃO

1. A vocação como chamado à comunhão com a Trindade

A partir do Concílio Vaticano II voltou-se a perceber a Igreja como "o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (LG 4). Esta visão nova da comunidade eclesial contribuiu muito para uma redefinição da vocação, vista agora como chamado à comunhão com o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. A partir do Vaticano II vai-se configurando cada vez mais a dimensão trinitária da nossa vocação. O segundo Congresso Internacional das Vocações (Roma, 1981), em seu documento conclusivo, explica de forma definitiva e muito clara esta dimensão trinitária: "Cada vocação está ligada ao desígnio do Pai, à missão do Filho, à obra do Espírito Santo. Cada vocação é iluminada e fortalecida à luz do mistério de Deus" (2 CIV, 7).

2. A vocação como relação

Ao realçar a dimensão trinitária da vocação, os textos acima mostram também a ligação que existe entre a vocação, a vida e conseqüentemente a espiritualidade. A vocação

passa a ser entendida como relação pessoal com Deus vivida no interior de uma comunidade bem concreta. Deus chama para um encontro com ele, a partir das solicitações de um povo que sofre (cf. Ex 3,1-10; Jr 1,4-10). A vocação é, portanto, uma "sedução" (Jr 20,7), uma "conquista do coração" (Os 2,16) por parte de Deus para uma vida de comunidade, de comunhão com Ele. É um convite para ficar com Ele, para participar de sua vida (cf. 1Ts 4,17; Jo 17,24; 1Pd 5,1).

Sendo convite para uma relação de intimidade com a Trindade, a vocação aparece também como chamado à santidade, isto é, à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade. Vocação é, assim, comportar-se como o Pai se comporta (Mt 5,48). Vocação é chamado para amar, é chamado ao serviço (1Jo 4,7-21; Mc 10,45). Tinha razão Teresa de Lisieux quando, em seus Manuscritos Autobiográficos, escrevia: "Percebi e reconheci que o amor encerra em si todas as vocações, que o amor é tudo, abrange todos os tempos e lugares, numa palavra, o amor é eterno. Então, delirante de alegria, exclamei: Jesus, meu amor, encontrei afinal minha vocação: minha vocação é o amor."

3. Vocação à comunhão e à participação

A vocação é amar, é servir, é relacionar-se com a Trindade a partir do encontro, da relação com o próximo. Ela é comunicação, isto é, vida de comunhão e de participação. Responder ao chamado é inserir-se na vida da comunidade, é tomar parte ativa na construção do Reino. Vocação não é isolamento, busca de satisfações, de "realização pessoal". Não é realizar "projetos pessoais", mas dar a vida pela defesa da vida (Jo 10,11;15,13).

Puebla enfatizou muito este aspecto da vocação ao afirmar: "Este chamamento pelo Batismo, Confirmação e Eucaristia para sermos seu povo chama-se COMUNHÃO e PARTICIPAÇÃO na missão e na vida da Igreja e, portanto, na evangelização do mundo" (P 852). Chamados a ser povo, a comungar, a participar na vida e na missão da comunidade eclesial. Estes são elementos que não podem de forma alguma ser esquecidos hoje, neste mundo da pós-modernidade, marcado por uma grande tendência ao individualismo. Precisamos insistir com muita ênfase sobre isso em nosso trabalho vocacional.

Esta visão de vocação como chamado à comunhão e à participação nos leva a descobrir, como elemento essencial do chamamento, a vida de fraternidade, de sororidade. Isto quer dizer que faz parte da essência da vocação o desejo, a vontade, o compromisso de "reproduzir na Igreja e no mundo o tipo de relação que existe no seio da Trindade. A participação na comunhão trinitária exige a comunhão fraterna entre nós" (P 326-327). Não pode ser sincera uma relação de comunhão com Deus que não repercute no relacionamento com os irmãos e as irmãs. Nossa vocação é um chamado para amar a Deus, mas não ama a Deus quem não ama o seu próximo (1Jo 4,20). Em conseqüência, não é autêntica a vocação que não se abre à solidariedade. A Trindade permanece como modelo da comunhão que deve brotar da vivência de nossa vocação (P 212). Esta vida de comunhão, por sua vez, dá autenticidade à nossa vocação. Ela é o sinal mais claro de que estamos realmente vivendo numa intensa comunicação com a Trindade (P 215).

4. Dimensões da vocação

Porque a vocação é comunhão com a Trindade, que se traduz concretamente na experiência de verdadeira irmandade, vemos a necessidade de insistir, no campo teológico, sobre três dimensões essenciais da mesma. O documento de Puebla já chamava nossa atenção para esta realidade (P 854). O Guia Pedagógico de Pastoral Vocacional da CNBB (1983) retoma esta questão, completando e comentando a afirmação de Puebla. São as-

pectos inseparáveis, complementares, que marcam profundamente a vida e a opção do vocacionado. Por isso vale a pena estudá-los separadamente, mesmo sabendo que eles nunca devem ser vistos como elementos autônomos, isolados. Nenhuma dessas dimensões subsiste separadamente, mas cada uma está em profunda relação de interação com as demais.

a) Dimensão antropológica:

Trata-se, como diz Puebla, do chamado para ser pessoa humana. Isto quer dizer que, antes de qualquer coisa, o vocacionado tem que ser gente, com todas as qualidades que caracterizam o ser humano. Uma atenção particular deve ser dada à capacidade de relacionar-se bem com as demais pessoas, já que a pessoa humana foi criada por Deus como ser social. Como já vimos acima, a vocação é sempre dialogar. Por isso ela só se concretiza "nas relações interpessoais, sejam elas da família, da amizade ou do coleguismo, das comunidades pequenas ou grandes de que participa" o ser humano (GPPV, 27). Não é possível, portanto, falar de vocação verdadeira deixando de lado as exigências da natureza humana.

b) Dimensão cristã ou eclesial:

É o chamado para viver o nosso batismo, o apelo à santidade, através de uma participação ativa na vida da comunidade. É viver em comunhão com Deus na comunhão e cooperação com os demais irmãos e irmãs. Aparece, neste caso, a importância do compromisso e do engajamento, do assumir o próprio batismo. Vale muito ressaltar esta dimensão batismal da nossa vocação em sua tríplice missão: profética, sacerdotal e real. Do mesmo modo é preciso insistir na dignidade de todas as vocações, e, portanto, de todos os membros do povo de Deus. Existe uma variedade de vocações, de carismas, mas todos e todas possuem a mesma dignidade. Ninguém é maior do que ninguém, ninguém é melhor do que ninguém (LG 32). Isto também mostra que todos e todas, na Igreja, são chamados e chamadas ao apostolado. Todos e todas temos a mesma missão.

c) Dimensão específica:

Toda vocação, mesmo sendo vivida na comunidade e a serviço da comunidade, é personalizada. Ou seja: cada cristão ou cristã responde ao chamado do Pai de acordo com os dons e carismas que recebeu do Senhor. Assim, a "vocação específica" (leiga, de vida consagrada ou ministerial) é a forma concreta que permite a cada batizado ou batizada dar sua contribuição própria para a construção do Reino de Deus. Esta dimensão da vocação quer chamar nossa atenção para a singularidade de cada pessoa, enquanto "palavra de Deus irrepetível" (cf. GPPV, 32). Não se pode, na questão vocacional, deixar de considerar também a diversidade de aptidões, de qualidades pessoais e as circunstâncias nas quais brota e se desenvolve o chamado de Deus. Não se esqueça, porém, que, mesmo realizando de forma pessoal a vocação comum, o cristão ou cristã deve direcioná-la para a comunidade. De fato, se é verdade que o único e mesmo Espírito distribuiu seus dons a cada um conforme ele quer (1Cor 12,11), também é verdade que todo dom, sem exceção, é para utilidade de todos, para o bem da comunidade (1Cor 12,7).

5. Teologia do carisma e da missão

Não se pode falar de vocação sem uma referência concreta ao tema do carisma e da missão. Ambos estão intimamente ligados ao dinamismo da vocação.

Os carismas, segundo a teologia paulina (1Cor 12,4-31), são dons diferentes, serviços diferentes, diferentes modos de agir, suscitados pelo Espírito e destinados à edificação da comunidade cristã. Poderíamos então dizer que os carismas são dons do Espírito que tornam o cristão apto para o exercício da própria vocação em favor de toda a comunidade (LG 12). Os carismas são serviços concretos, atividades concretas que possibilitam a vivência de uma determinada vocação específica. Existe, pois, uma pluralidade de carismas. Para cada forma de vocação pode existir uma diversidade imensa de carismas. Enquanto meios concretos de atuação de uma determinada forma de vocação, os carismas não são apenas dons extraordinários concedidos a pessoas extraordinárias. Eles são elementos comuns que fazem parte do dia-a-dia da comunidade e não apenas privilégios de alguns (LG 12). Uma das funções específicas da PV é ajudar o vocacionado ou vocacionada a perceber os carismas que o Espírito está suscitando em sua vida, a fim de que possa descobrir seu verdadeiro lugar na Igreja (cf. J. L. M. DE OLIVEIRA. *Vocação e Carisma. Ensaio de Teologia Vocacional*, Vit. da Conquista, 1984, pp. 19-26).

Vocações e carismas não são fins em si mesmos. Existem para a missão. Por isso toda reflexão sobre a vocação requer também algo sobre a missão. Dentro do contexto de uma teologia da vocação é indispensável destacar a questão da missionariedade da Igreja. Precisamos insistir muito sobre a verdade de que a Igreja inteira, toda ela, todos os batizados e batizadas, são sujeitos da missão. Além disso, é preciso dizer que esta missionariedade deve ser vivida em toda parte, em todos os níveis e em todos os tempos. Em seguida precisamos definir o que é a missão. Trata-se de evangelizar, isto é, de anunciar a salvação, a boa nova da libertação operada por Cristo. Tal anúncio, na situação atual do mundo, deve ser essencialmente do Evangelho da Vida (JOÃO PAULO II), ajudando a humanidade a fazer a história, a contribuir para uma "nova criação", contribuindo aqui e agora para uma sociedade nova e diferente, numa clara e contundente opção preferencial pelos pobres.

Tudo isso mostra que a missão é para o mundo e se desenvolve no mundo, ou seja, uma missão que tenha um compromisso efetivo com o bem da pessoa humana na sua totalidade, que leve o cristão e a cristã a aproximar-se, com os olhos e com o coração, daqueles e daquelas que sofrem e passam fome, dos que estão quase mortos (Lc 10,25-37). Sendo serviço à humanidade, a missão, como a vocação, possui uma dimensão comunitária e uma dimensão pessoal. Comunitária porque ela é antes de tudo confiada à Igreja, enquanto *ekklesia*, isto é, comunidade convocada e reunida pela Trindade. Pessoal, enquanto cada fiel tem o seu jeito de vivenciar a missionariedade da Igreja (cf. J. L. M. DE OLIVEIRA, "A vocação missionária", in *Espírito*, nº 61, pp. 6-17).

6. Teologia da vocação num contexto de modernidade

Ao abordarmos o tema da teologia da vocação, não podemos esquecer o contexto no qual estamos vivendo. Tal contexto é o da modernidade ou, como querem alguns, da pós-modernidade. Aqui uma das características principais é a valorização do indivíduo, da pessoa, chegando mesmo ao extremo do individualismo.

Tendo presente esta realidade, não basta que a teologia da vocação ressalte a iniciativa divina no chamado (Jo 15,16). Ela terá também que mostrar com a mesma ênfase e entusiasmo que o apelo do Pai é dirigido à pessoa humana livre (Mt 19,21); Gn 1,28-31). Torna-se, portanto, indispensável entender bem a questão da predestinação (Ef 1,4; Jr 1,5) na sua relação com a dinâmica da vocação, com a dinâmica do chamado do Senhor. O projeto de Deus para uma pessoa não é algo estático, predeterminado, preestabelecido, mas um apelo que se faz através de mediações bem concretas (Jo 1,35-50). Deste modo, a

pessoa pode dizer "sim" (Lc 1,38), fazendo acontecer a história da salvação, ou dizer "não" (Mt 19,22), frustrando o projeto de amor do Pai.

7. Teologia das vocações específicas

No que diz respeito à teologia das vocações específicas, convém observar o seguinte:

a) Vocação do(a) cristão(ã) leigo(a):

É preciso dizer, antes de tudo, que esta é a vocação básica, enquanto é a vocação batismal, da qual dependem as vocações de especial consagração. Outro dado importante, mencionado inclusive por Santo Domingo (SD 94), é que os leigos são maioria na Igreja. Pode parecer um detalhe sem significado do ponto de vista teológico, mas, numa Igreja ainda marcada por um excessivo clericalismo, isto representa algo muito profundo. A teologia da vocação do cristão leigo, da cristã leiga, deverá insistir na necessidade de mais espaços de participação e de poder de decisão para os leigos e leigas. Isso em decorrência de um direito que nasce do sacramento do batismo. Temos aqui as bases teológicas para iluminar o tão falado, mas pouco praticado, protagonismo dos leigos (SD 97). A partir destes pressupostos, a teologia da vocação do leigo e da leiga é chamada a aprofundar o específico desta vocação que é a índole secular, entendida como inserção nas realidades temporais, participação nas atividades terrenas (cf. 17), evitando qualquer tipo de reducionismo ao "intra-ecclesial" (SD 97). Ajudará assim a alargar o conceito de engajamento, visto antes de tudo como compromisso de transformação da sociedade.

b) Vocação à Vida Consagrada:

O aprofundamento teológico da vocação à vida consagrada será feito antes de tudo a partir de sua dimensão simbólica (LG 44). A vida consagrada fala mais pelo que ela é do que pelo que ela faz. Em consonância com esta realidade, somos chamados a contextualizar melhor o significado dos votos, da vida comunitária e de outros elementos da vida consagrada. A questão da especificidade desse tipo de vocação não pode ficar esquecida. Ela, sem dúvida alguma, passa pelo seguimento radical de Jesus Cristo, pela liminalidade, isto é, pelo apelo a ser, na Igreja, profecia, utopia, vanguarda, ponta-de-lança.

c) Vocação dos ministros ordenados:

O trabalho da teologia da vocação dos ministérios ordenados será determinar, com mais clareza, o específico do ministério. Sabemos como ainda é forte o "monopólio pastoral" por parte dos ministros ordenados. Esse trabalho de pesquisa teológica poderá contribuir para a superação de uma "pastoral de manutenção e de administração" ainda muito forte na mentalidade de nossos ministros. Pontos como o celibato, a inserção no presbitério da Igreja local também exigem um maior aprofundamento. Dito isto, pode-se concluir que a vocação dos ministros ordenados é a de ser "serviço da unidade da comunidade" (P 661) em torno da Eucaristia, "raiz e eixo de toda a comunidade" (P 662). O específico dos ministros ordenados é a presidência da comunidade, ser sacramento de Cristo Pastor e Cabeça da Igreja (P 659). Nada mais além do que isso (cf. J. L. M. DE OLIVEIRA, "A vocação em Santo Domingo", in *Espírito*, n° 54, 12-29).

II. ECLESIOLOGIA DA VOCAÇÃO

Não resta dúvida de que, muitas vezes, "as dificuldades, no que respeita às vocações, estão ligadas a um conhecimento insuficiente da Igreja" (DPVIP, 31). Por isso, para que a PV possa desenvolver-se plenamente, é indispensável uma profunda reflexão sobre a Igreja.

1. Qual Igreja?

É sem dúvida alguma a primeira pergunta a ser feita. Qual o modelo de Igreja ao qual nos referimos quando fazemos pastoral vocacional? Certamente não poderá ser um modelo qualquer. Penso que o modelo mais correto, que mais favorece o desenvolvimento de uma autêntica PV, seja aquele construído pelo Concílio Vaticano II, Igreja-Comunidade convocada pela Trindade, "povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (LG 4). Somente esta visão de Igreja contribui para que todos os seus membros vivam em estado de vocação e de missão (2 CIV, 8), sentindo-se convocados pelo Pai para o serviço ao Reino. Numa Igreja fortemente piramidal, predominantemente hierárquica, isto é, clericalizada, dificilmente as pessoas sentir-se-ão num estado permanente de vocação e de missão.

2. Igreja de comunhão e participação

Só uma Igreja imagem da Trindade pode tornar-se espaço adequado para o surgimento e desenvolvimento das vocações. Isto porque nela a "unidade dos fiéis que constituem um só corpo em Cristo" (LG 3) na igual dignidade e na variedade de funções (LG 32) abre espaço para a comunhão e a participação. Só numa Igreja assim existe a presença de instrumentos e de organismos que permitem o engajamento de todos os fiéis e abrem caminho para o surgimento das diversas vocações. Só aqui os jovens encontram "um terreno eficaz para o amadurecimento humano, cristão e apostólico" (2 CIV, 40).

3. Igreja mãe das vocações

Tal Igreja é, ao mesmo tempo, mãe das vocações. Sente-se chamada e ao mesmo tempo convocada a chamar. Ela tem consciência de ser uma comunidade de pessoas chamadas que, por sua vez, torna-se apelo vivo da Trindade (2 CIV, 13). Este modelo de Igreja comunhão-participação "se identifica com todas as vocações de que é constituída. Nela recebem os batizados o chamamento universal ao sacerdócio comum dos fiéis e à santidade. Nela surgem, por dom do Espírito Santo, os chamamentos especiais para os ministérios ordenados, para a consagração religiosa e secular e para a vida missionária. Ela é, portanto, a reunião de todos quantos, em comunhão com o seu bispo e entre si, são chamados pelo Pai ao seguimento do Senhor Jesus, de acordo com os carismas do Espírito" (2 CIV, 15). Porque há essa identificação, todos sentem-se responsáveis pelas vocações (2 CIV, 29-41).

4. Igreja "encarnada"

A Igreja onde as vocações podem brotar é aquela que escuta o clamor do povo (P 93) e vive em processo permanente de renovação (P 100). Uma Igreja que não reclama privilégios (P 1212), mas vive no mundo e na sociedade sua missão profética, denunciando as injustiças e anunciando a utopia evangélica de uma sociedade nova, mais humana e mais fraterna (P 1213). Terá que ser uma Igreja capaz também de dialogar com a sociedade pluralista (P 1037) e não apenas a Igreja da apologética e da defensiva.

Trata-se, portanto, de uma Igreja servidora, toda "ministerial" (de *minus stare*), isto é, onde todos e todas, sem exceção, são chamados e chamadas a servir. Só numa Igreja assim "os jovens descobrem a realidade em que vivem e os ministérios e serviços de que a comunidade tem necessidade. E os compromissos de hoje, se isso estiver nos desígnios do Senhor, podem ser prelúdio de uma consagração definitiva para toda a vida" (2 CIV, 43). Nesta Igreja-Comunidade ministerial, os jovens e as jovens não são apenas elementos passivos que tudo recebem, mas agentes ativos, participantes e responsáveis, verdadeiros protagonistas, de acordo com os carismas e as possibilidades de cada um, de cada uma (cf. *ibidem*).

III. INDICAÇÕES PRÁTICAS PARA A PV

Estas reflexões sobre a teologia e a eclesiologia da vocação nos apontam algumas indicações práticas para a PV. Elenco aqui apenas as mais importantes.

1. A necessidade de aprofundar o conceito teológico da vocação, avaliando sempre que tipo de teologia sustenta a nossa prática. "Um correto enfoque da proposta deve fundar-se necessariamente numa sólida teologia da vocação e das vocações, em sintonia com a eclesiologia do Vaticano II" (DPVIP, 30).

2. Partindo desta avaliação do tipo de teologia, verificar constantemente a visão que se tem de Deus. De qual "deus" estamos falando na PV? É o Deus de Jesus Cristo? É o Deus Trindade, Comunidade de Amor? Para se fazer uma boa PV "é necessário subir até o mistério de Deus" (2 CIV, 7).

3. Apresentar sempre a vocação como relação, como comunhão, dando muito valor à experiência e à espiritualidade (Jo 1,39; Mc 3,14).

4. Trabalhar bem o humano e o cristão antes de partir para a questão das vocações específicas. Atenção particular deve ser dada ao comportamento problemático das famílias, à fragilidade psicológica dos jovens, ao medo do compromisso definitivo, ao prolongamento da adolescência e aos problemas correlatos (cf. DPVIP, 73-76).

5. Dar mais atenção à questão da inculturação e da modernidade. "Há fenômenos gerais que influem sobre as vocações, sobretudo no mundo ocidental [...]. O tempo em que vivemos é considerado como período de transição, caracterizado por isso por atitudes ambivalentes e contraditórias. As transformações profundas da sociedade revelam por um lado a inadaptação das culturas tradicionais e por outro a necessidade inquieta de novos projetos da existência humana" (DPVIP, 71).

6. Definir melhor o específico de cada vocação, dando real valor ao protagonismo dos leigos. Isto significa também a necessidade de encontrar uma metodologia adequada para cada época, situação, lugar e grupo de pessoas. Ou seja, "a necessidade de realizar um notável esforço no sentido de uma sintonia com a mentalidade dos jovens para transmitir a mensagem vocacional" (DPVIP, 66). Trata-se da questão tão delicada da comunicação com a juventude. "Os próprios animadores vocacionais usam muitas vezes uma linguagem que os jovens não conseguem compreender porque está fora dos seus esquemas mentais" (*ib.*, 72).

7. Neste esforço de procurar entender o específico de cada vocação, evitar o "reducionismo vocacional", ou seja, a tendência ainda presente em certos setores da Igreja

de confundir PV com "Obra das Vocações Sacerdotais". Foi, por exemplo, o caso de Santo Domingo (cf. SD 79-82).

8. Por isso trabalhar para que a PV não seja mais uma "pastoral setorial", mas a coluna vertebral de toda a pastoral de uma Igreja particular (cf. DPVIP, 44-45).

9. Daí, portanto, a necessidade de uma maior interação entre a PV e outras pastorais, especialmente a Pastoral da Juventude e a Pastoral Familiar, lembrando porém o princípio acima, isto é, que a PV não faça parte de um conjunto de pastorais, mas da pastoral de conjunto (cf. *ib.*, 45).

10. Diante desses desafios, percebe-se que o(a) animador(a) vocacional não pode ser improvisado nem improvisar. "A falta de preparação dos animadores e dos formadores é um dos problemas que exigem uma solução irrevogável" (*ib.*, 38). Em muitos lugares a PV está reduzida "a algumas atividades programadas com bom interesse, mas também com muita improvisação". (*ib.*, 37).

José Lisboa Moreira de Oliveira, SVD

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Explique com as suas palavras o que a equipe entendeu por:

- ⌘ A vocação como chamado à comunhão com a Trindade
- ⌘ A vocação como relação
- ⌘ Vocação à comunhão e à participação

2. Quais são as 3 dimensões da vocação? Por que a "antropológica" aparece em primeiro lugar?

3. Discutir entre a equipe a frase abaixo, procurando saber até que ponto é possível "perceber os carismas":

"Uma das funções específicas da PV é ajudar o vocacionado ou vocacionada a perceber os carismas que o espírito está suscitando em sua vida, a fim de que possa descobrir seu verdadeiro lugar na Igreja."

4. Olhando para a nossa Paróquia e Diocese, que tipo de Igreja ela reflete:

- ⌘ Comunhão e participação?
- ⌘ Mãe das vocações?
- ⌘ Encarnada?
- ⌘ Ou?

5. Explique a frase abaixo:

"Trabalhar bem o humano e o cristão antes de partir para a questão das vocações específicas."